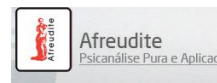


Lacan e seus Outros^{1*}

(ou Quanto um autor é capaz de intervir na leitura de sua obra?)

Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

Resumo: Versão para revista eletrônica Afreudite do texto “Lacan e seus Outros (ou quanto um autor é capaz de intervir na leitura de sua obra?)”.

Referência:

VIEIRA, M. A. Lacan e seus Outros (ou Quanto um autor é capaz de intervir na leitura de sua obra?). *Afreudite*, revista lusófona digital de psicanálise, n. 2, ano 1, p. 1, 2005. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/795/640>. Acesso em [\(ao referir-se a este texto coloque aqui a data de acesso\)](#).

A publicação dos *Outros Escritos*, seleção de textos de Jacques Lacan (2003, 680p), além de ser um acontecimento editorial, renova o debate sobre a relação entre um autor e seus leitores. Tentarei demonstrá-lo tomando como ponto de partida a experiência analítica no que concerne à memória.

Uma análise exhibe o caráter anárquico de nosso arquivo de lembranças. Nesse baú, acumula-se todo tipo de acontecimento: os essenciais e os insignificantes, os vividos, os não-vividos (e mesmo os de ocorrência indefinida), as repercussões de experiências-chave com sua potência proustiana de desencadear sensações etc.

A apaziguadora idéia de que nossa vida é uma entidade encadeada, sucessão linear de episódios, tão essencial no dia-a-dia, situa-se, assim, na contramão da análise. Esta, em vez da totalização de uma história, de um trabalho de edição visando uma versão final dos fatos subjetivos, é bem mais uma releitura, um recorte que reconfigura uma existência e modifica um destino.

Desse ponto de vista, como abordar a massa de documentos que se deposita em torno de um autor? A existência de uma obra, autônoma, como legado natural de um pensador para a humanidade, tem muito de ilusão. Habitualmente, admitimos que as Obras Completas deste ou daquele são a reunião de todos os seus textos referentes ao campo em que se tornou referência. Essa definição pode, no entanto, gerar um sem-número de questões: Como definir e ordenar o que seriam os textos “maiores” e os “menores”? Quais seriam as obras ditas “de juventude”? Devemos incluir apenas os textos publicados em vida? Apenas os reconhecidos pelo autor, ou também aqueles por ele recusados? E os rascunhos? E os textos apócrifos?

Estas colocações são especialmente pertinentes no caso de Lacan, que sempre esteve alerta para o ato envolvido na constituição de uma obra, assim como para o papel crucial e nada imparcial desempenhado pelo editor. Basta lembrar como ele, Bettelheim e outros permitiram-nos avaliar o efeito exercido por Strachey sobre o texto de Freud, não apenas como tradutor mas também como editor, aproximando-o do discurso médico-científico da época e reduzindo radicalmente a virulência de seu texto.

Poderíamos, aqui, apelar para a exaustividade – considerar que basta tudo publicar, deixando à comunidade dos leitores essas difíceis decisões. Lacan, que retoma diversas vezes *Totem e tabu* para abordar a relação de Freud com seus seguidores, não poderia ignorar, no entanto, o quanto este Todo costuma se revelar um ideal fora de alcance e o quanto essa democracia

^{1*} [1] Este texto foi redigido para publicação no Caderno Idéias do Jornal do Brasil, em resposta a uma resenha publicada em 13/3/2004.

textual comporta de canibalismo. É exatamente nesse sentido que vemos a cada ano surgir uma nova fita de porão dos Beatles, ou mais um disco póstumo de Renato Russo ou outro artista falecido, remasterizados em discutíveis híbridos.

Diante desse panorama, Lacan optou por uma estratégia editorial original. Por um lado, no campo de seu ensino oral, seu *Seminário*, com um trabalho minimalista de editoração empreendido por Jacques Alain Miller (não vamos discuti-lo aqui). Por outro, a publicação de uma seleção de seus textos que constituem os *Escritos* (Jorge Zahar, 1998).

Seriam esses escritos seu legado? Ao contrário, Lacan concebe-os como uma verdadeira intervenção sobre a difusão de massa de suas idéias: “Eu ainda não teria publicado esta coletânea de meus *Escritos*, se o que neles se emite (...) não tivesse acabado correndo sozinho para fora do campo onde se pode controlá-lo.” (p.231). Nada de tentar controlar, portanto, a difusão de suas teses. Não se tratava de dar a elas a forma correta do mestre, nem de divulgá-las para o vasto público, mas sim de entrar em polêmica com as que já circulavam, privilegiar algumas, subverter outras.

Lacan esteve, assim, à frente de seu tempo, pois a difusão não-oficial de informações só fez amplificar-se em nossos dias. A batalha das gravadoras com a difusão de arquivos musicais na internet evidencia o quão infrutífero é seu esforço, e isso sem que possamos dizer que tenha havido ganhos significativos em termos musicais ou de conhecimento. Hoje pode-se copiar sem dificuldades um CD contendo a transcrição de todos os quase trinta anos de seminários de Lacan, ou baixar, gratuitamente, mais de duas mil páginas de texto contendo praticamente tudo que ele redigiu.

É sob esse prisma que devemos examinar a operação editorial de Jacques Alain Miller. Seu projeto é claro: “O lançamento desta coletânea fará ex-sistir, cremos nós, um outro Lacan àquele que se tornou clássico” (p.12). Sua aposta renova a do próprio Lacan, quando este acreditou poder incidir sobre seus ditos, que se espalhavam pela Paris dos anos sessenta e que tendiam, a seus olhos, a torná-lo, assim como à psicanálise que ele encarnava, um clássico, um “classificado”. Miller estabelece, então, uma montagem de textos que se trama com os *Escritos*, seguindo a mesma correlação interna definida por Lacan, em que se sucedem textos mais psiquiátricos, filosóficos, clínicos, lógicos em uma ordenação não necessariamente cronológica.

Apesar disso, os *Outros Escritos* não deixam de acenar com mudanças no pensamento lacaniano, pois reúnem formulações datando do período posterior ao dos *Escritos* – que, no entanto, distribuem-se pelo volume sem se concentrarem em uma seção final. Dessa forma, não prefiguram um “último Lacan”, nem a publicação de um Outro do Outro, com os últimos dos últimos textos e assim ao infinito. Mantém-se no horizonte um volume que resiste à tendência ao arremate da obra por se delimitar, tal como o primeiro, tendo como ponto de fuga o ensino oral de Lacan. Este é seu Outro, sobretudo as teses radicais dos últimos anos de seminário.

A oposição, que já se tornou lugar-comum, entre o ensino de Freud predominantemente escrito e o de Lacan, oral, é apenas em parte verdade. Lacan escreveu bastante. Recusou-se, no entanto, a tomar seus textos como a forma acabada de seu ensino. O título *Escritos* é antes de tudo “irônico, já que se trata seja de relatórios, função de congressos, seja, digamos, de “cartas abertas” em que faço um apanhado de uma parte de meu ensino” (p.16). Sua “publicação” (p.344) não lhes tira o valor, mas indica que constituem as “partes caducas de meu ensino” (p.344) e que sob este ângulo devem ser tomados, como o som dos cascos nos ensina sobre a cavalgada.

Compreende-se que “Lituraterra” seja o texto de abertura, pois ali Lacan revisa suas concepções quanto às relações entre oral e escrito. Com Derrida, contra o platonismo do senso comum, ele entroniza a escrita em um sentido vasto, o da máquina simbólica, do *automaton* significante. Contra Derrida (e Lacan), por outro lado, ele recusa qualquer precedência do escrito sobre o oral. Nem a fala antecede a escrita nem esta configura a fala. Destaca-se então uma escrita que não delimita o gozo como seu limite, que pertenceria à fala, mas é feita dele (a de Joyce e também a da caligrafia japonesa).

O que diz Lacan, além disso, através de seus Outros nesse volume? Exorta-nos a não esquecer que seus esquemas e sua topologia só existem graças a sua voz e a sua saliva ao longo de quase trinta anos nas tardes de quarta feira; afirma ter tido sua cabeça negociada pelos seus alunos com a IPA; funda sua Escola e cria o Passe para verificar o final de análise; dissolve-a mais tarde sem desistir de ambos; aposta no estilo; assume o papel do profeta que lhe designa a multidão apenas para fazer valer o bufão analítico; desanca Laplanche; do alto de sua tribuna em Milão, interpreta o “analísante” Derrida; prefere Queneau a Lévi-Strauss.

Após ter passado os dois últimos anos às voltas com o estabelecimento de uma versão final do texto desse volume, a partir da tradução de Vera Ribeiro (com Angelina Harari e André Telles), respirando um texto trufado de polissemias literais que dá passagem não somente a idéias mas a um estilo, acredito que a aposta de Jacques Alain Miller pode fazer a voz de Lacan repercutir no Brasil. Basta ouvi-la: “Aprendam, pois, qual é o sinal pelo qual vocês poderão se certificar de que eles [os mistificadores] estão errados. A psicanálise é fonte de verdade, mas também de sabedoria. E essa sabedoria tem um aspecto que nunca engana, desde que o homem começou a enfrentar seu destino. Toda sabedoria é um gaio saber. Ela se abre, subverte, canta, instrui e ri. Ela é toda linguagem. Alimentem-se de sua tradição, desde Rabelais até Hegel. Abram também os ouvidos para as canções populares, para os maravilhosos diálogos de rua... Neles vocês recolherão o estilo através do qual o humano se revela no homem, e o sentido da linguagem sem o qual nunca libertarão a fala” (p.152).

Marcus André Vieira, psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, professor do Departamento de Psicanálise da PUC-Rio, autor de *A Ética da Paixão* (Jorge Zahar, 2001).



Início > v. 9, n. 17/18 (2013)

AFREUDITE - REVISTA LUSÓFONA DE PSICANÁLISE PURA E APLICADA

AFREUDITE é a primeira revista Lusófona de Psicanálise pura e aplicada. Lusófona não só em razão da maioria dos elementos da sua redacção, como pelo nome da Universidade que a edita.



v. 9, n. 17/18 (2013): Real e Virtual

A Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada publica neste número um documento inédito, proveniente de uma experiência recente feita no Facebook, essencialmente por psicanalistas de orientação lacaniana, que falam em seu nome próprio independentemente das instituições a que pertencem, mas também por filósofos, poetas, escritores, fotógrafos, artistas plásticos e outros interessados pelo que assim ia acontecendo.

Sumário

Real e Virtual

[Ficha Técnica](#)

FT

[Indicação aos autores](#)

IA

EDITORIAL

José Martinho

[Real e Virtual, Conversas no Facebook - abril 2013](#)

AA VV

[Real e Virtual, Conversas no Facebook - maio 2013](#)

AA VV

ARRENDAS

Filipe Pereirinha



ISSN: 1646-3722

[Ajuda do sistema](#)

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa

Todos

Pesquisar

- [Por Edição](#)
- [Por Autor](#)
- [Por Título](#)
- [OUTRAS REVISTAS](#)

ACESSO

Utilizador

Senha

Memorizar nome utilizador

NOTIFICAÇÕES

- [Visualizar](#)
- [Subscriver / Cancelar subscrição de notificações](#)

[PDF](#)

[PDF](#)

[PDF](#)

[PDF](#)

[PDF](#)

[PDF](#)

TAMANHO DA FONTE



Início > v. 1, n. 2 (2005) > **Vários**

Montra de Livros

- 161 A Resposta da Psicanálise**
Filipe Pereirinha
- 165 De um país que não fosse o da aparência**
Filipe Pereirinha
- 169 Lacan e os seus Outros**
Marcus André Vieira
- 175 Psicanálise & Arredores**

Informações



Início > v. 1, n. 2 (2005) > **Vários**

**Lacan e seus Outros,
ou quanto um autor é capaz de intervir
na leitura de sua obra?**

Marcus André Vieira¹²³

A publicação dos *Outros Escritos*,¹²⁴ selecção de textos de Jacques Lacan, além de ser um acontecimento editorial, renova o debate sobre a relação entre um autor e os seus leitores. Tentarei demonstrá-lo tomando como ponto de partida a experiência analítica no que concerne à memória.

Uma análise exhibe o carácter anárquico do nosso arquivo de lembranças. Nesse baú, acumula-se todo tipo de acontecimento: os essenciais e os insignificantes, os vividos, os não-vividos (e mesmo os de

